

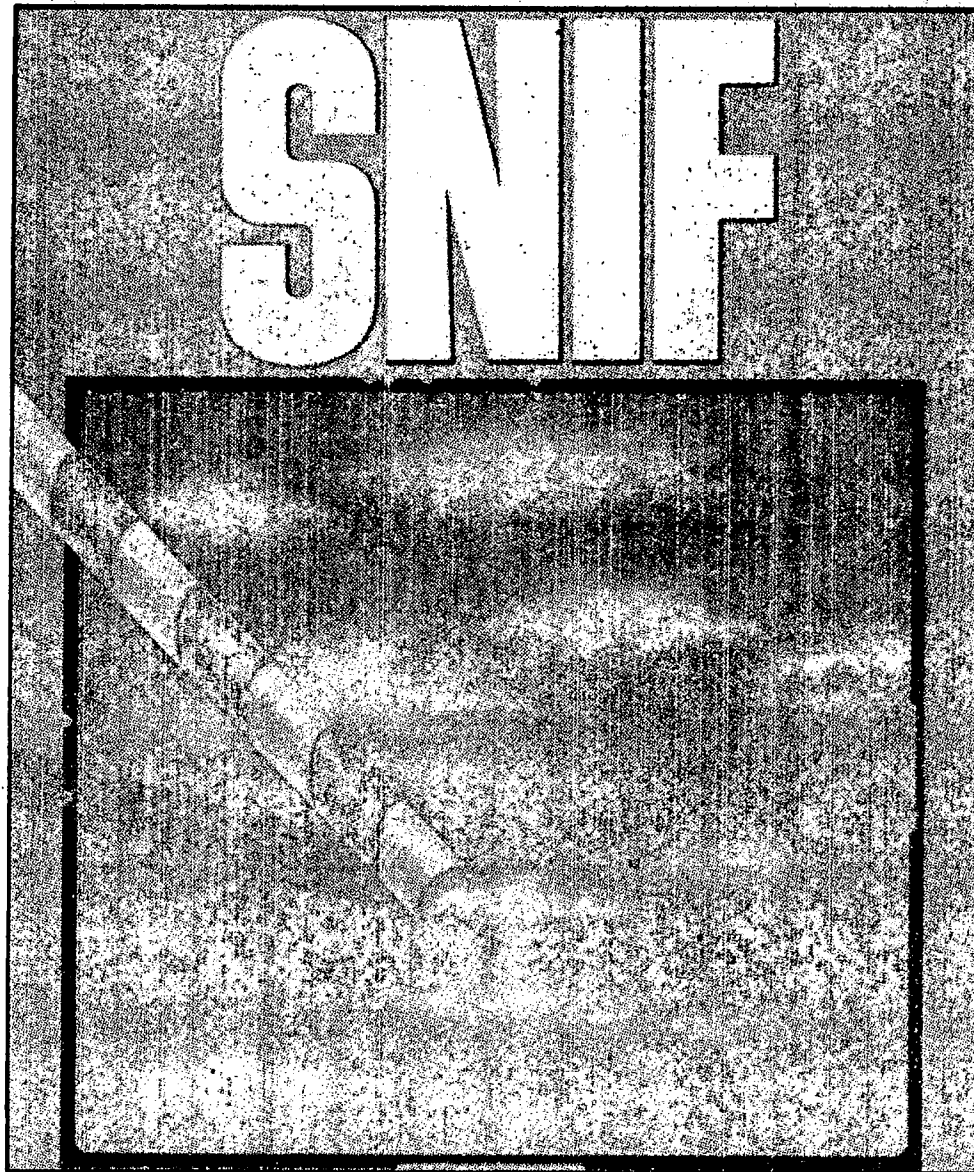
Livros proibidos e suspeitos

Como títulos 'piratas' acusados de pornografia invadem as salas de aula

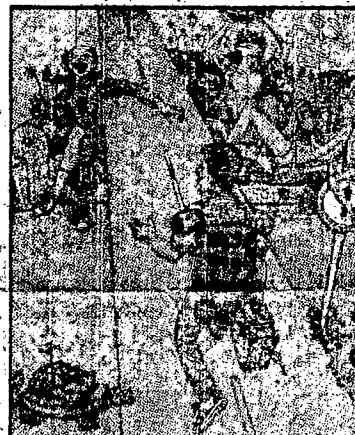
ELIZABETH ORSINI

Q UEM imaginava morta e enterrada a polêmica sobre os livros de leitura adotados pelas escolas se enganou redondamente. Na semana passada, entrou em cena mais um capítulo da novela *Livros de leitura*. Uma rede de acusações e conexões inexplicáveis está se tornando o novo vilão da história. Um parecer do Tribunal de Contas da União (TCU) considerou pornográficos e incentivadores do uso de drogas quatro livros distribuídos em escolas públicas pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE): *Snif* e *Das trips coração*, ambos do jornalista Dau Bastos; *Na passarela da vida*, do jornalista Elias Fajardo, e *Aqui começa a dança*, da professora universitária Bernadette Lyra. Os quatro títulos acusados pelo TCU têm, curiosamente, a mesma editora: a Marco Zero. E, como se não bastasse, outra coincidência se acrescenta a este *imbroglio*: um de seus proprietários, o escritor amazonense Márcio Souza, é hoje diretor do Departamento Nacional do Livro, com ampla influência na distribuição de exemplares para as bibliotecas públicas.

Márcio Souza garante que, desde que assumiu o Departamento Nacional do Livro, se afastou da Marco Zero e que seu único vínculo com a editora é receber os direitos autorais por sua obra (*leia texto na página 6*). Os autores dos títulos rejeitados pelo TCU, indignados, se apressam em se defender. "Não reconheço a competência do TCU para avaliar minha obra", afirma a capixaba Bernadette Lyra, 54 anos, pós-graduada em cinema na USP, com cinco livros publicados. Bernadette compara a situação atual a do período da ditadura: "Estamos voltando a um tipo de censura arbitrária que a gente pensou estar morta e enterrada. Geraldo Vandré deve estar se revirando no túmulo (*sic*). A geléia geral está voltando." O jornalista alagoano Dau Bastos, 32 anos, concorda: "O TCU, além de suspeito em seu pró-



Os títulos adotados nas escolas públicas foram editados pela Marco Zero que tem, entre os seus proprietários, Márcio Souza, atual diretor do Departamento Nacional do Livro: coincidência?



prio território, ousa enveredar por áreas que absolutamente não lhe dizem respeito."

As acusações de pornografia e incentivo às drogas desfechadas pelo TCU, porém, são fogos de artifício que têm um efeito perverso: terminam, à revelia do TCU, por encobrir um outro escândalo que ronda as listas de livros distribuídos pela FAE. O ex-presidente da FAE sob o governo Sarney, Carlos Pereira de Carvalho, que estava à frente da entidade na época da compra dos livros, garante que os quatro títulos em questão não constavam do catálogo elaborado pela Fundação. "Nós tínhamos um catálogo com mais de 200 títulos e, em cada uma das matérias, esses títulos eram escolhidos por uma comissão de professores e especialistas em educação. Não me lembro de nenhum desses quatro títulos nas listas elaboradas pela FAE durante a minha gestão", comenta o ex-presidente. Segundo ele, as comissões seriam a garantia de adoção de livros de qualidade, escapando ao intenso *lobby* praticado pelas editoras, especialmente junto às secretarias estaduais de educação. É neste ponto da novela que surge o mistério principal: se os livros editados pela Marco Zero não foram indicados pelas comissões de especialistas, como eles foram parar nas escolas?

O próprio Carlos Pereira de Carvalho dá a pista: "Naquela época, eu me lembro muito bem de que a aquisição desses quatro livros foi solicitada ao ministério da Educação por duas secretarias estaduais, uma do Distrito Federal e outra da região Centro-Oeste." O então presidente da FAE estranhou o pedido de carona dos quatro livros mas, como ex-integrante do governo Sarney, se recusou a depor contra o então ministro da Educação Hugo Napoleão em processo administrativo aberto para apurar a irregularidade pelo seu sucessor na pasta da Educação, Carlos Chiarelli. O processo, até agora, não deu em nada. Para além da briga política entre os governos Collor e Sarney, porém, fica uma dúvida sobre a composição das listas de livros para os estudantes. Basta dizer que a FAE distribuiu mais de 200 milhões de livros a cada quatro anos, um enorme filão disputado pelas editoras.

■ Continua na página 6